

## O mito do sujeito e o sujeito do mito: entre a racionalidade moderna e a racionalidade (auto)biográfica

Júlia Guimarães Neves

**Júlia Guimarães Neves**

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Uberaba,  
MG, Brasil.

E-mail: [juliaaneves@hotmail.com](mailto:juliaaneves@hotmail.com)

ORCID: 0000-0002-7548-1668

**Resumo:** O presente ensaio é de natureza teórica e se propõe a pensar sobre os aspectos teórico-epistêmicos que constituem, na tradição do pensamento ocidental, a ideia de sujeito e de racionalidade. No desenvolvimento desta proposição há o reconhecimento de que traços míticos, presentes nas estórias greco-romanas, constituem elementos que se tornam estruturantes no ideário do pensamento moderno. O texto, em diálogo com os mitos, produz reflexões sobre a racionalidade moderna em sua instrumentalização do modo de operacionalizar a razão, na busca pela objetividade daquilo que se produz em termos de conhecimento científico e na edificação da figura de um sujeito universal e racionalizador de seus processos de conhecimento e de si mesmo. Desta leitura sobre sujeito moderno e racionalidade moderna, o texto encaminha para outras possibilidades formativas que se dão no alargamento compreensivo da razão e da constituição do sujeito, através dos anúncios de sujeito (auto)biográfico e racionalidade (auto)biográfica.

**Palavras-chave:** Sujeito; Racionalidade; Mitologia; (Auto)biográfico.

## The myth of the subject and the subject of the myth: between modern rationality and (auto)biographic rationality

**Abstract:** This essay is theoretical in nature and proposes to think about the theoretical-epistemic aspects that constitute, in the tradition of Western thought, the idea of subject and rationality. In the development of this proposition, there is the recognition that mythical traits, present in Greco-Roman stories, constitute elements that become structuring in the ideals of modern thought. The text, in dialogue with the myths, produces reflections on modern rationality in its instrumentalization of the way of operationalizing reason, in the search for the objectivity of what is produced in terms of scientific knowledge and in the construction of the figure of a universal subject and rationalizer of their knowledge processes and themselves. From this reading on the modern subject and modern rationality, the text leads to other formative possibilities that take place in the comprehensive expansion of reason and the constitution of the subject, through the announcements of (auto)biographical subject and (auto)biographical rationality.

**Keywords:** Subject; Rationality; Mythology; (Auto)biographical.

## El mito del sujeto y el sujeto del mito: entre la racionalidad moderna y la racionalidad (auto)biográfica

**Resumen:** Este ensayo es de carácter teórico y propone reflexionar sobre los aspectos teórico-epistémicos que constituyen, en la tradición del pensamiento occidental, la idea de sujeto y de racionalidad. En el desarrollo de esta proposición, se reconoce que los rasgos míticos, presentes en los relatos grecorromanos, constituyen elementos que se vuelven estructurantes en los ideales del pensamiento moderno. El texto, en diálogo con los mitos, produce reflexiones sobre la racionalidad moderna en su instrumentalización del modo de operacionalizar la razón, en la búsqueda de la objetividad de lo producido en términos de conocimiento científico y en la construcción de la figura de un sujeto universal y racionalizador de sus procesos de conocimiento y de sí mismo. A partir de esta lectura del sujeto moderno y de la racionalidad moderna, el texto conduce a otras posibilidades formativas que tienen lugar en la ampliación comprensiva de la razón y la constitución del sujeto, a través de los anuncios del sujeto (auto)biográfico y la racionalidad (auto)biográfica.

**Palabras clave:** Sujeto; Racionalidad; Mitología; (Auto)biográfico.

## Introdução

Enquanto a tradição oral de lendas estiver viva, enquanto permanecer em contato com os modos de pensar e os costumes de um grupo, ela se modificará: o relato ficará parcialmente aberto à inovação. (Vernant, 2000, s.p.).

É acompanhada das palavras de Vernant (2000) que este texto visita lendas da tradição mítica para contar uma outra história. Das estórias dos deuses, semideuses e humanos, registradas, especialmente, pelas epopeias de Homero e Virgílio, reconto fatos abertos à inovação. Esta outra história é contada com os pés fincados no presente, em intenção retrospectiva e prospectiva, de alguém que busca, pela tradição do pensamento ocidental, compreender como nos tornamos sujeitos. Ao longo deste ensaio, de natureza teórica-conceitual, os mitos a que revisito se tornam interlocutores na busca compreensiva do modo de ser e dos elementos que constituem a edificação do ser sujeito, produzido, anunciado e conceituado, em destaque, a partir da modernidade.

É por esta história, e em nome da constituição desta história, enquanto inovação possível à vivacidade dos mitos greco-romanos, que caminho na companhia de deuses, semi-deuses e humanos. Neste trânsito, me situo, inicialmente, entre terra e céu, personificados por Gaia e Urano. A partir da delimitação de um mundo, predecessor de toda mitologia, e edificado por Gaia e Urano, passo um intervalo de tempo com o senhor do tempo: Chronos, o qual me ensina a dimensionar, delimitar e encerrar este mundo. É pela severidade de Chronos que conheço o deus dos deuses: Zeus. De Zeus ergue-se a representação da sapiência: sua filha Atena, grande deusa da sabedoria. Com as sapiências de Atena eu dialogo a respeito de um saber antidualógico: no diálogo com o mito encontro a antidualogicidade do conhecimento. Faço longa paragem em Ulisses, o sujeito das artimanhas e, desse encontro, me encaminho à Aquiles, o grande herói grego. Encerro meus encontros míticos na companhia de Eneias, troiano sobrevivente, personagem épico de Virgílio. Essas companhias míticas compõem a escrita da tese intitulada “O sujeito da educação: possibilidades formativas da racionalidade (auto)biográfica” (Neves, 2019), estudo teórico realizado no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, defendido em dezembro de 2019. Ainda marcadamente encharcada pela produção deste estudo de doutoramento, o ensaio que aqui trago é um reflexo deste mergulho, pelo qual resgato personagens que me acompanham desde lá e que, aqui, criam, novamente, uma outra história.

Metodologicamente, o texto está organizado em três subtítulos, são eles: I) Uma breve leitura da modernidade ruptura, conhecimento e sujeito; II) Sujeito e racionalidade (auto)biográfica; e III) Considerações finais. A discussão parte da articulação mito e modernidade, encontra o campo teórico de produção de um alargamento formativo-pedagógico que se dá pela afinidade com o campo autobiográfico e encerra retomando aspectos que subsidiam a discussão construída com a afirmativa de que o sujeito é e sempre foi indivisivelmente biográfico.

## Uma breve leitura da modernidade: ruptura, conhecimento e sujeito

Você certamente vai achar graça: É o seguinte: quando montei o meu cavalo e saí daqui, não foi assim, sem mais nem menos. Ouvi um rumor de que o conde Henrique se encontrava novamente na região e que sua amante, Agnes, voltara à sua companhia. Pois bem, isso talvez não lhe pareça importante; hoje em dia também não acho que o seja, entretanto, naquela ocasião, a notícia atingiu-me com violência e eu não pensava em nada mais, a não ser poder rever Agnes novamente. Ela fôra a mulher mais bela que eu já conhecera e amara. Queria revê-la e queria ser feliz, ainda uma vez ao seu lado. Parti no meu cavalo e encontrei-a, após uma semana de viagem. Foi lá e precisamente naquela hora, que se deu a transformação em mim. Como já disse, encontrei Agnes que não estava menos formosa; encontrei-a e também a oportunidade de ser visto por ela e de falar-lhe. E, imagine só, Narciso, ela não queria mais saber de mim! Eu já lhe era muito velho, já não tão belo e tão divertido, não esperando mais nada de mim! E com isso, a viagem chegou praticamente ao seu fim. Continuei no meu cavalo, não desejando voltar aqui para junto de vocês; assim tão depressa, sentindo-me decepcionado, ridículo e, enquanto cavalgava, o vigor, a mocidade e a inteligência já haviam me abandonado completamente, pois eu já havia despencado, juntamente com o cavalo, num barranco, caindo dentro dum riacho, fraturando as costelas e mergulhando nas águas. Foi naquela ocasião que, realmente, sofri dores intensas. Logo que caí, senti como se algo tivesse rompido dentro de mim e esta sensação fêz-me bem, ouvia-a com prazer e estava satisfeito com isso. (Hesse, 1973, p. 245).

Goldmund narra a Narciso um extrato de vida que compõe a sua história. É a partir do presente que Goldmund revisita o dor de um reencontro com Agnes, por quem nutria intenso amor e uma grande dose de expectativa. Goldmund, personagem de Hermann Hesse é um sujeito de história, com e pelas quais partilha no encontro que realiza com Narciso, seu mestre. É na presença de Narciso que Goldmund pensa sobre si, sobre o que foi, sobre o que é, sobre o que se torna a ser no tempo. Quando diz “hoje em dia não acho que” ou quando igualmente fala “foi naquela ocasião que”, Goldman pensa sobre o passado reconhecendo não só a capacidade de ser um sujeito pensador, mas de se compreender como um sujeito que se faz por sua história. É com a obra de Hermann Hesse que me coloco a pensar que somos sujeitos de racionalidade e de historicidade. É na existência de um *logos* que o homem interpreta a realidade, opera e anuncia sobre ela, ao inscrever a razão na linguagem. Pode parecer estranho trazer o conceito de racionalidade ao falar sobre uma narrativa que é construída, marcadamente, no horizonte do sensível, das dores profundas do desamor a que Goldmund é arrebatado. Este estranhamento, de caráter histórico conceitual se dá, talvez, pela noção do pensar e da operacionalização da razão que tradicionalmente aprisiona o pensamento a esquemas que encerram a razão em uma lógica objetiva e seletiva, onde racionalidade acaba tornando-se racionalização. Há, então, desde aqui, a manifestação de um alargamento compreensivo do que se convém conceber por racionalidade enquanto “o jogo, o diálogo incessante entre nossa mente, que cria estruturas lógicas, que as aplica ao mundo e que dialoga com este mundo real” (Morin, 2011, p. 70), realizada por um sujeito que não é apenas a referência da natureza estruturante de um *logos*, mas é a representação de tudo aquilo que vivencia enquanto sujeito social.

É na história do pensamento ocidental que há uma tentativa de desligamento, de disjunção entre racionalidade e historicidade. Como se fosse possível compreendermos, interpretarmos, anunciarmos, argumentarmos sem que o homem fosse um ser social, um ser do convívio e das relações, tal como Goldmund o é. A existência de um *logos*, enquanto estrutura do humano, é que inscreve as possibilidades

de um exercício relacional com o mundo e com o outro: pela condição do homem enquanto sujeito de racionalidade é que anunciamos que o homem é um ser relacional. Bombassaro (1992) nos auxilia nesta compreensão, quando escreve:

Na condição de sociabilidade e linguagem podemos encontrar elementos que caracterizam a condição de historicidade própria do homem. Reconhecendo-se constituinte e integrante, formador do mundo, o homem dá-se conta de sua coexistência. Enquanto se descobre racional, um ser de linguagem, toma consciência de que necessita conviver com o que o cerca, especialmente com os outros. Isso indica que, além de unicamente racional, o homem é também um ser histórico (Bombassaro, 1992, p. 14)

Mesmo que a historicidade e a racionalidade sejam conceitos distinguíveis, mas, nesta leitura, indissociáveis, a história do pensamento ocidental nos revela a tentativa de separação, em nome da supervalorização da racionalidade. Uma racionalidade restrita ao sujeito racional cujo *logos* assume valor restritivo na lógica e na objetividade. “Eu, consciência de si, autodeterminação, autorreferência”, podem ser assumidos como indicadores daquilo que se convencionou denominar de modernidade. O advento da modernidade, enquanto fenômeno de expressão social, política, econômica e cultural, traz a tônica do sujeito, do humano que se torna sujeito por ser um sujeito de *logos* e que, consciente de suas capacidades lógico-rationais, domina a si e domina a natureza. Sem desejar que se realize aqui uma definição aligeirada do que é possível compreender por modernidade, quero situar com destaque a edificação do sujeito da racionalidade enquanto expressão balizadora das mudanças surgidas desde o século XVII. Outrossim, significa dizer que o modo como nos constituímos sujeitos é influenciado pelo paradigma surgido desde a modernidade e que permanece, por séculos, determinado os valores pelos quais o humano faz-se sujeito.

É com base nesta afirmação que busco refletir alguns dos elementos sob quais essa constituição de sujeito se faz. Constituição essa, baseada em uma ruptura do pensamento que até então oferecia a humanidade algumas respostas sobre quem éramos e sobre o que era a realidade. Modos estes de pensar, vinculado a outros tipos de conhecimento, cuja historicidade assumia a sua importância. Nesta esteira, parece-me fundamental denunciar que há, como movimento primeiro do pensamento moderno, um exercício de ruptura com os modos de pensar primeiros que, de modos distintos, nos falam e contribuem para que nos aproximemos da história do pensamento humano. O pensamento moderno se estrutura com base na ruptura, em berço europeu, com os outros modos de conhecer, na crítica ao teológico e ao mitológico. Identifico, então, a ruptura como o primeiro elemento sob o qual me debruço neste exercício compreensivo de pensar a constituição do sujeito e da racionalidade.

Se a ruptura é movimento primeiro sob o qual a modernidade se estrutura, com o anúncio de um modo objetivo e lógico de conhecer a realidade, compreendo que a ruptura é necessária desde a edificação da mitologia. O mito de criação nos diz que Gaia, a *magna mater*, criou Urano espontaneamente para que este pudesse cobri-la e existisse um mundo, entre céu e Terra. Urano temeu os filhos que gerou com Gaia e para evitar que eles assumissem um poder maior que o seu ele abraça-a de modo sufocante, impedindo o nascimento destes filhos. Sem suportar, Gaia suplica ajuda, suplica pela

ruptura. Seu filho caçula, Cronos, atende ao pedido, e com uma foice mutila Urano e liberta Gaia. Há, agora, um mundo ente céu e terra. A urgência pela ruptura acaba surgindo, sendo necessária à Gaia, tão logo ela percebe que a existência de Urano não fora como ela projetava.

Há, desde o mito, uma cisão. Esta cisão ajuda a compreender que um movimento de ruptura também acontece desde a modernidade. Essa aproximação que aqui faço marca a primeira relação entre o mito e a modernidade. A modernidade, através do movimento de ruptura que instaura ao pensamento, faz uma negação a qualquer outra explicação da realidade que não esteja vinculada a um processo de construção de conhecimento pautado na ideia de que é possível chegarmos a uma verdade sobre a realidade. Esta verdade possui como predicados a universalidade e a incontestabilidade. Para isso, foi necessário assumir percursos de investigação seguros baseados nas aspirações de pensadores do renascimento, dentro os quais destaco: Francis Bacon (1561-1626), Galileu Galilei (1564-1642), René Descartes (1596-1650), John Locke (1632-1704), Isaac Newton (1642-1727), a fim de chegar a essa verdade universalmente válida. As aspirações modernas só se tornam possibilidade mediante a ruptura: “o período moderno marca a ruptura com o pensamento escolástico e o tema da investigação filosófica é deslocado dos fenômenos Deus e religião para a natureza e o ser humano, emergindo uma nova racionalidade” (Oliveira, 2016, p. 54). O ataque ao mito e a religião, no surgimento da ciência moderna enquanto via de acesso a produção de um novo modo, seguro e objetivo, de compreensão da realidade pressupõe tornar essa realidade objeto, a ser observada, dominada pelo sujeito da razão. Sobre esta separação entre sujeito – aquele que conhece – e objeto – aquele que se deixa conhecer, é fundamental mencionarmos as construções de Descartes que propõe a dualidade do corpo e da alma, consequentemente do sujeito e da natureza a ser conhecida, através da distinção entre *res cogitans* e *res extensa*.

É pela ruptura, enquanto movimento primeiro, que a modernidade passa a se estruturar através de seus ideais formativos. É a partir de Urano e Gaia, da ruptura que Gaia faz com o Urano, não como designo primeiro, mas como necessidade surgida, que um mundo mítico existe: que deuses, semi-deuses e humanos habitam o espaço entre o céu e terra. Partindo da ideia de ruptura, como esse primeiro elemento a que trago ao ensaio, é com Atena, situada na terceira geração em relação a Gaia, passando por Cronos e por Zeus – pai de Atena, que vislumbro os diálogos entre conhecimento científico e um modo mítico de ser deusa da sabedoria. Atena nasce vestida por uma armadura, o que não se dá apenas em sentido figurado. Atena coloca-se armada a toda expressão que ameace o seu saber, que concorra com a sua sabedoria, que dispute a sua verdade. A estória mítica de Atena nos mostra uma deusa sempre pronta ao embate, na premissa de incontestabilidade do seu saber. Uma das passagens mais expressivas neste diálogo que aqui faço é a relação que Atena estabelece com Aracne. Aracne é uma jovem artesã que ganha aplausos e visibilidade pela beleza da sua arte. Atena, como deusa da sabedoria reúne a diversidade de tudo aquilo que é expressão do saber, e nisso incluem-se as artes e a literatura indubitáveis aos gregos. Atena cria uma disputa com Aracne porque não admite que alguma arte possa receber mais aplausos que a sua, possa ter mais valor e ser mais reconhecida do que a que ela produz. É do desejo de um saber onipotente que Atena destrói a vida de Aracne, que de uma bela jovem moça é

transformada em um aracnídeo. A característica de incontestabilidade entre a sapiência de Atena e o conhecimento científico me permite pensar que, deste Atena, há um saber que se coloca em relação de superioridade e antidialogicidade com outros modos de conhecer. Esta talvez seja uma das características do modo como o saber científico, em sua produção clássica, se coloca através da veracidade de fatos, alcançada por rigorosos métodos de neutralidade e objetividade.

Atena é a grande deusa que acompanha Ulisses, o homem-personagem da Odisséia de Homero. Em minha leitura, e em meus diálogos entre mito e modernidade, Ulisses me aparece como a representação do sujeito moderno. Na Odisséia são narrados os momentos da longa travessia de Ulisses em direção a Ítaca, o seu reinado, após a vitória gloriosa dos gregos sobre os troianos. Ulisses é sujeito de engenhosidades, de artimanhas e de trapaças: é por sua capacidade estratégica que um cavalo de Troia é inventado e uma guerra que durava 10 anos é vencida. É através de um pensamento marcadamente lógico, racional e objetivo que Ulisses enfrenta e supera os obstáculos em direção ao seu reinado. Em diferentes momentos desta travessia, Ulisses conta com a proteção de Atena. Esse vínculo entre os dois permite pensar que Ulisses é este sujeito moderno, produzido e produtor que um conhecimento a que relaciono ao conhecimento científico. Ulisses simboliza aquilo que é produto da ciência, provido daquilo que Atena, nesta analogia, representa.

Em nome de uma postura estratégica e da redução de si “ao ato mais simples e mais despojado que é o ato de pensar” (Ricoeur, 2014, s./p.), Ulisses reprime as suas emoções em uma das passagens mais emblemáticas da travessia, que é o encontro que ele realiza com as sereias. É sabido que as sereias dominam as sensibilidades dos que navegam sob as suas águas, aprisionando-os em sua sedução. Ulisses é o único homem que consegue encontrar as sereias e não ser por elas dominado. Ele cria uma artimanha para que, sem perder o prazer de escutar seu canto inebriante, permaneça dominando a si mesmo. Ulisses ordena que seus companheiros de navegação o amarrem com força ao mastro, ao mesmo tempo em que coloquem em seus ouvidos ceras, que os impeçam do deleite. Enquanto Ulisses escuta o canto, os outros homens trabalham para garantir a travessia. A objetividade com a qual a ciência clássica se estrutura não pode pressupor um sujeito de sensibilidade. Em nome de um saber científico a dimensão do sensível é deslembada. A cisão entre objetividade e subjetividade se mostra essencial ao pensamento moderno.

A relação entre Ulisses e o sujeito moderno me permite dizer que há, desde o mito, um modo de ser sujeito que se aproxima do modo de ser sujeito projetado desde a modernidade. Porém, nos mitos, não existe só um modo de ser sujeito: há múltiplos modos de ser sujeito coexistindo nas estórias míticas. A exemplo disso, reconheço Aquiles, herói grego caracterizado pela força física e pelo furor de suas paixões. Aquiles, o lendário herói, cuja vulnerabilidade encontra-se na popular expressão “calcanhar de Aquiles”, tem suas decisões de ingresso e regresso as batalhas da guerra de Troia movidas pelos ímpetos de suas paixões. Aquiles se afasta das batalhas quando perde Briseida, por quem foi apaixonado, e retorna aos duelos quando seu grande amigo Pátroclo é morto por Heitor. É com Aquiles que reconheço dimensões tão sensíveis de constituição do sujeito. É na imensidão de sentimentos destoantes como a

ira, a paixão, o amor, a vingança que Aquiles torna-se sujeito de escolhas, decisões e ações. Antagônico a Ulisses, Aquiles torna-se o grande herói grego na tônica de seus arroubos.

A coexistência de dois modos de ser sujeito, personificados nas figuras do estrategista Ulisses e do impetuoso Aquiles, revela desde o mito a multiplicidade nos modos de nos constituirmos sujeitos: “descubrimos que son personas como nosotros, que tienen sentimientos de amistad, odio, amor, miedo, felicidad, dolor e ira. Son valientes o cobardes, ambiciosos o indiferentes, generosos y avaros” (Herbig, 1997, p. 28). Estes diferentes modos de expressão das suas existencialidades mostram que, por mais que todos os heróis gregos tivessem na busca pela *arete*, a principal virtude heroica, marcada pela conjunção de bravura, destreza, força, sagacidade e vigor (Jaeger, 2010), há uma diversidade que orienta o viver destes diferentes modos heroicos de ser.

Todavia, tanto Ulisses quanto Aquiles, por mais diferentes que sejam, se familiarizam: são heróis gregos com destinos afixados, “los hombres de la litada y la Odisea no tenían esta libertad. Estaban dirigidos desde fuera” (Herbig, 1997, p. 124). É pelo domínio dos deuses que Ulisses tem seu destino de retorno a Ítaca traçado, e Aquiles uma morte que o glorifica. Se os sujeitos míticos são sujeitos múltiplos, e essa multiplicidade ensina sobre as possibilidades do sujeito, esbarro em histórias determinadas e, então, parto, no próximo subtítulo deste ensaio, para a reflexão que me leva às possibilidades de um sujeito que rompe com os desígnios e que se faz no horizonte de sua abertura existencial.

### **Sujeito e racionalidade (auto)biográfica**

Se com Ulisses reconheço predicados de um sujeito moderno, igualmente percebo que os ideais modernos de um sujeito emancipado e livre constituem um mito. O esclarecimento moderno – balizado por elementos que, como vimos, já são elementos que constituem os mitos, enquanto traços míticos entre tantos outros existentes nas histórias míticas –, “recebe dos mitos, para destruí-los, e ao julgá-los, ele cai na órbita do mito” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 23). O desejo de emancipação e autonomia humana presentes no ideário formativo da modernidade recaiu em uma espécie de mito do humano. A busca pela produção de um conhecimento em direção ao alcance da razão pura e do esclarecimento e desprendido dos elementos pelos quais a mitologia e a teologia até então explicavam a realidade, fundou, igualmente, um mito: o mito da razão, da liberdade e da emancipação do sujeito. A instrumentalização do conhecimento, a objetividade daquilo que se produz em termos de conhecimento científico e a figura de um sujeito racionalizador de seus processos de conhecimento e de si mesmo cria um ideário de sujeito da modernidade que, na intenção de tornar-se criador de um novo mundo é, deste mundo, criatura. O personagem do sujeito moderno, como um sujeito livre e emancipado, se faz pelo apagamento de si, uma vez que a objetividade do conhecimento científico apaga a subjetividade intrínseca a nossa constituição: com Ulisses, o sujeito do mito encontra o mito do sujeito.

Na busca de que a dimensão da historicidade não se desvincule da racionalidade humana, cindidas desde a modernidade, aposto em outras possibilidades de alargamento compreensivo ao sujeito da educação a partir das contribuições do campo de produção (auto)biográfico, em suas intenções, sobretudo, epistemológicas. Permaneço em diálogo com o mito e aqui trago a figura de Eneias,



personagem mítico da Eneida de Virgílio. Eneias é um dos poucos sobreviventes de uma Troia tomada pelo fogo, após a vitória dos gregos. Eneias se une aos demais sobreviventes da guerra e foge ao lado do seu pai, seu filho e sua esposa, que no momento da partida acaba falecendo ao ser queimada pelas chamas. O destino de Eneias é torna-se o fundador de uma nova Troia, na intenção de que o povo troiano tivesse um novo lugar para reconstruir a sua história. É na companhia de Eneias que encontro a reunião de diferentes dimensões humanas presentes na constituição do modo como ele se faz herói. Ao longo da história de Eneias, é possível encontrar uma série de passagens, nos mais de 9 mil versos da Eneida, em que o herói se mostra em relação de identificação com o outro. Em outras palavras, Eneias é um sujeito constituído de tantos outros e, no reconhecimento disso, estabelece relações de comunhão com o outro. Exemplo disso é a sua relação com o seu pai, Anquises. Não é possível pensar a trajetória de Eneias, na refundação de Troia, sem que Anquises seja parte constituidora do próprio Eneias em direção ao cumprimento deste desafio que é, em si, coletivo: de uma cultura, de um povo, de uma tradição. Ao longo da grande expedição Anquises falece e Eneias segue a viagem sem a companhia física do pai: um pai guia, orientador dos seus passos e elucidador de caminhos e decisões. Mesmo na ausência física do pai, Eneias recorre a esse pai em si mesmo, como também busca conectar-se com esse pai – e aqui a referência ao extrato da estória mítica em que Eneias desce ao reino dos mortos, na ilha de Cumas, para reencontrar Anquises. Neste reencontro Anquises mostra a imbricação do passado, do presente e do futuro, revelado a Eneias.

A estória de Eneias me leva ao encontro da multiplicidade humana, em suas diferentes dimensões, que permite o reconhecimento de que somos sujeitos físicos, sensíveis, de emoções, de ações, de afetividades, de atenção consciente, de cognição e de imaginação (Josso, 2008, 2010, 2016). A estória me leva, igualmente, ao encontro das possibilidades de reconhecimento de uma dimensão humana do tempo, na qual a vida vivida é quem desenha seus ritmos e movimentos. Esta dimensão ultrapassa a linearidade dos fatos e permite que as memórias transitem e instaurem sentidos inéditos no tempo, igualmente inédito, em que são acessadas: o encontro com um tempo humano (Ricoeur, 2010) é também o encontro com a historicidade singular. O passado como potencial formativo de constituição do sujeito histórico, o presente como espaço da significação em movimento e o futuro enquanto possibilidade projetiva de si.

Ulisses, Aquiles e Eneias são sujeitos cujas vidas se cumprem em direção a um destino que lhes é dado, como uma atribuição de responsabilidade e poder dos deuses. Ao reconhecer as possibilidades de um sujeito que narra a sua história e que, nesse exercício narrativo, reconhece sua constituição histórica e as possibilidades de invenção de outras tantas histórias a si mesmo, a ideia do destino é recusada, pois não há um futuro previamente desenhado e apresentado ao sujeito, como acontece a Ulisses, Aquiles e Eneias. O sujeito (auto)biográfico é possível, justamente, no horizonte de sua abertura existencial, conquistada no reconhecimento de que somos sujeitos narradores da nossa própria existencialidade. Ele é possível, igualmente, no abandono da ideia de personificação e pela possibilidade criadora de ser inúmeros personagens. O sujeito (auto)biográfico não é Ulisses, não é Aquiles, não é Eneias. É, talvez, os três. É nenhum, qualquer um, e todos, ao mesmo tempo: o que importa à

compreensão de sujeito (auto)biográfico é a possibilidade de ser sujeito condicionado pelo reconhecimento de que somos múltiplos de nós mesmos, de que somos múltiplos em nós mesmos.

O movimento que me leva da denúncia de um sujeito moderno ao anúncio de um sujeito (auto)biográfico acontece na passagem da ideia de um sujeito abstrato e ideal – ou de um sujeito de destino inexorável – a um sujeito que cria a si mesmo na medida em que atribui sentidos à sua existência, e reconhece que sua história é marcada por experiências com o outro e com o mundo. A narrativa é, deste modo, o lugar de enunciação da vida e de anunciação do sujeito, “sua história de vida não é uma *déjà-là* a que a narrativa feita daria acesso, ela aparece em contrapartida como um dos espaços privilegiados de instituição do sujeito” (Delory-Moberger, 2006, p. 364). Enquanto lugar de construção da história e do próprio sujeito da história, a narrativa é o lugar de expressão da singularidade existencial que constitui, cada um de nós, o sujeito que é, o sujeito que está sendo, e o sujeito em seu devir: o sujeito (auto)biográfico tem a sua biografia constituída no e com o tempo.

É com as contribuições teórico-epistêmicas do campo de produção (auto)biográfica que reconheço a existência de uma transição paradigmática que se dá pela concepção de sujeito implícita ao campo, o que permite dizer de um sujeito (auto)biográfico. No reconhecimento de um sujeito que se reconhece (auto)biográfico se encontram as possibilidades de um outro modo de operacionalização da razão, inserida na crítica e na complementariedade da racionalidade moderna que, por séculos, estrutura as trajetórias formativas e a nossa constituição como sujeitos. Se a racionalidade moderna tem uma teologia formativa de produção de um sujeito universal, lógico e objetivo, que domina a si e o mundo, aquilo que denomino de racionalidade (auto)biográfica se inscreve na ruptura das matrizes formativas quando do reconhecimento, por parte dos sujeitos, do cerceamento das multiplicidades que o constituem. O sujeito (auto)biográfico se compreende para além daquilo que caracterizou o ideal educativo moderno em nome do domínio da técnica e da operacionalização das capacidades cognitivas racionalizadas. Ao reconhecer o apagamento da sua subjetividade em nome de uma formação que o instrumentaliza, se reconhece no horizonte da sua historicidade, como sujeito de biografia que sempre foi, e se anuncia como sujeito (auto)biográfico.

### Considerações finais

Na construção das últimas linhas deste ensaio busco retomar os sentidos do movimento teórico-reflexivo empreendido ao longo desta escrita. É com os traços míticos de ruptura, de conhecimento e de sujeito, exemplificados nas figuras míticas trazidas a este ensaio que me dirigi a compreensão a respeito dos fins formativos propostos pelo ideário moderno, no reconhecimento de que estes mesmos elementos, de outro modo e com outro estatuto, já existiam desde os mitos greco-romanos. Os traços referidos são elementos, entre outros, que constituem as existências de Gaia e Urano, de Atena e de Ulisses e que, na modernidade, figuram como elementos sob os quais se consagrou o sujeito moderno: racional, de medidas, inserido no tempo linear, senhor de si e da natureza que o constitui. Acompanhada por Ulisses dou-me conta de que o seu modo de ser não é o modo universal de ser um sujeito ou de ser um herói grego. As estórias míticas revelam a coexistência de diferentes modos de ser sujeito, a exemplo de

Aquiles e de Eneias. É com estes três personagens que, comprometida com a compreensão da constituição formativa do sujeito, anuncio o sujeito (auto)biográfico enquanto possibilidade de reconhecimento de si, no horizonte da sua própria existencialidade. Significa a recuperação da historicidade que, na tradição dos processos formativos de herança moderna, acaba por ser deslembrada. Significa lembramos de Goldmund, que reconhece na capacidade reflexiva sobre a sua própria historicidade possibilidades de se anunciar sujeito do agora.

Pelo reconhecimento de que o sujeito é e sempre foi indivisivelmente biográfico, chego ao final deste ensaio reafirmando a função formativa da narrativa como pressuposto da possibilidade de atribuição de sentidos ao mundo, ao outro e a si mesmo. É no e pelo exercício de narrar a si que reconheço outras possibilidades formativas ao sujeito. Ao falar do reconhecimento do sujeito enquanto um sujeito (auto)biográfico considero a existência possível de uma outra racionalidade, a que denomino de racionalidade (auto)biográfica. Na compreensão do sujeito em sua capacidade ontologicamente reflexiva e produtora de sentidos sobre si e sobre o mundo, afastamo-nos da racionalidade moderna em que o sujeito é simplificado, fragmentado e reduzido a objeto, o que “não se trata obviamente de desconhecer os múltiplos aspectos positivos que fazem parte da modernidade, mas de denunciar a unilateralidade desta e suas consequências” (Plastino, 1996, p. 197). A racionalidade (auto)biográfica é um desafio à educação, aos processos formativos na busca contra o reducionismo e na intenção de complexificação das noções de sujeito produzidas e produtoras de uma racionalidade caracterizadamente técnica e de um conhecimento de caráter marcadamente prático. Conceber a racionalidade (auto)biográfica na formação do sujeito da educação, enquanto sujeito que se reconhece (auto)biográfico, significa comprometer-se com possibilidades educativas que inventem, como prática pedagógica, espaços de reconhecimento do sujeito como criador de si, de sua identidade, dos modos como produz saberes da experiência e como se compreende no horizonte de suas possibilidades existenciais.

Despeço-me das estórias com as quais dialoguei e da história que aqui intentei contar. Desejo que este texto tenha inspirado alguns possíveis leitores, movimentando-os em relação a importância do reconhecimento quanto a dimensão formativa e política de nos assumirmos sujeitos narradores. Que a racionalidade (auto)biográfica possa ser reconhecida como uma possibilidade, também e, especialmente, nesta dura contemporaneidade pandêmica, onde a vida é constantemente ameaçada e histórias são registradas na fria forma de números cada vez mais decimais, em que velozmente se somam mais algarismos. É, também, na esperança por outros tempos que este ensaio se anuncia em suas possibilidades político-formativas.

## Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BOMBASSARO, Luis Carlos. *As fronteiras da epistemologia*: como se produz o conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1992.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, v. 32, n. 2, p. 359-371, 2006.

HERBIG, Jost. *La evolución del conocimiento: del pensamiento mítico al pensamiento racional*. Empresa Editorial Herder: Barcelona, 1997.

HESSE, Hermann. *Narciso e Goldmund*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

JAEGUER, Werner Wilhelm. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva singular-plural. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). *Tendências da pesquisa (auto)biográfica*. Natal; São Paulo: EUFRN; Paulus, 2008, p. 21-50.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Natal; São Paulo: EDUFRN; Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. Processo autobiográfico do conhecimento da identidade singular-plural e o conhecimento da epistemologia existencial. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento (Orgs.). *A nova aventura (auto)biográfica: Tomo I*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 59-89.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NEVES, Júlia Guimarães. *O sujeito da educação: possibilidades formativas da racionalidade (auto)biográfica*. 121f. Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2019.

OLIVEIRA, Ivanilda Apoluceno de. *Epistemologia e educação: bases conceituais e racionalidades científicas e históricas*. Petrópolis: Vozes, 2016.

PLASTINO, Carlos Alberto. Os horizontes de Prometeu: considerações para uma crítica da modernidade. *Physys: Revista de Saúde Coletiva*, v. 6, n. 1-2, p. 195-216, 1996.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.